



EDITORIAL

A *modernidade* revolucionou o cotidiano do Ocidente; novas tecnologias e formas de produção não só provocaram mudanças fundamentais nas estruturas econômicas, políticas e sociais do mundo mas especialmente as tecnologias de comunicação e de transporte alteraram profundamente a relação espaço-tempo bem como a percepção dos indivíduos da "realidade". Os artigos reunidos no núcleo temático deste número da *Lugar Comum* pretendem analisar aspectos decisivos da mudança na experiência do sujeito, aprofundando a discussão da relação entre Aceleração e Novas Intensidades.

Num estudo extenso, Schnapp argumenta que a revolução dos transportes ocorrida nos séculos XVIII e XIX precipitou mudanças de percepção e psíquicas fundamentais nos agentes sociais e nas fantasias que governam seus modos de interação com os cenários a sua volta. Mudanças que sugerem uma ligação estreita entre a história das tecnologias do transporte e a dos dispositivos óticos - da fantasmagoria ao cinema - de tal modo que a história dos veículos automotivos é, desde o começo, a história das câmeras do cinema; mudanças que obscurecem de tal modo a distinção entre as categorias do realismo e do alucinatório (ou do fantástico) que exigem uma revisão do senso comum que concebe o modernismo como uma revolta contra o naturalismo. Schnapp, portanto, busca reunir elementos para uma antropologia da velocidade e não simplesmente uma história dos meios de transporte.

Enquanto o ensaio de Schnapp concentra a atenção sobre a relação entre o homem e o impacto dos acidentes, a intensidade do movimento e a erotização da relação entre o homem e máquina são problematizadas por Giucci em "Máquinas e Estética". A partir de um exame cuidadoso da imagem da máquina nas estéticas modernistas e vanguardistas da Europa, dos Estados Unidos e da América Latina, o autor sugere a emergência de uma dimensão "espiritual" na percepção moderna da tecnologia, problematizando

a curiosa coincidência entre uma estetização da tecnologia no projeto moderno e a mecanização da arte nos movimentos da vanguarda a partir do futurismo. De um ponto de vista mais específico (debruçando-se sobre a tecnologia fotográfica e as temporalidades que ela instaura) e analisando a produção de importantes fotógrafos do século XX como Sander, Cartier-Bresson, Arbus e Salgado, Lissovsky argumenta que a naturalização do instantâneo fotográfico e sua libertação do movimento permitiram que a fotografia se afirmasse cada vez menos como a "arte do instante" e mais como a "arte do devir". Neste sentido, segundo o autor, a arte da fotografia se constitui na ação modalizadora da duração.

No momento em que novas e profundas transformações tecnológicas e o estabelecimento de formas de produção capazes de gerar arranjos originais de relações sociais vêm alterar radicalmente o cotidiano sócio-cultural neste final de milênio, com a conseqüente desestabilização das noções de espaço e tempo que a modernidade havia estabelecido, vale a pena repensar o impacto das transformações que fundaram nosso cotidiano moderno de máquinas e velocidades.

OS EDITORES

Carlos Alberto Messeder Pereira

Elizabeth Rondelli

Giuseppe Cocco

Karl Erik Schollhammer

Micael Herschmann